17:10 25%

Opinião do GLOBO

Congresso controla mais recursos do que seria razoável

Em vez de enfrentar Executivo para ampliá-los, Lira deveria concentrar esforço no êxito da agenda econômica

Sob qualquer ângulo, a fatia do Orçamento da União controlada pelo Congresso é enorme. Deputados e senadores decidirão o destino de R$ 44,6 bilhões neste ano, ou 20% dos gastos livres do governo (90% das despesas são engessadas por gastos obrigatórios com salários do funcionalismo, benefícios previdenciários e demais vinculações orçamentárias). Há dez anos, a fatia dos recursos livres nas mãos dos congressistas era pouco menos de um quarto disso, ou 4,65%.

Como mostrou reportagem do GLOBO, essa parcela destoa na comparação internacional. Numa análise de 29 países, os outros três onde o Parlamento detém maior poder sobre os recursos são Estados Unidos (2,4%), Eslováquia (5,5%) e Estônia (12,3%). No Brasil, o Congresso arbitra sobre uma proporção equivalente a oito vezes a que cabe aos congressistas americanos. Só isso deveria ensejar reflexão.

Tal reflexão se torna mais necessária diante da declaração do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), na cerimônia de abertura do ano legislativo. Ao afirmar que a peça orçamentária "pertence a todos e todas, e não apenas ao Executivo", Lira apenas constata a realidade expressa nos números. Esquece, contudo, que não se trata necessariamente de realidade positiva.

Com uma parcela maior do Orçamento sob comando dos parlamentares na última década, o governo brasileiro ganhou contornos não só de extravagância, mas de disfuncionalidade. No presidencialismo, cabe ao Legislativo elaborar a peça orçamentária, mas sua execução é, por definição e determinação constitucional, papel do Executivo. E por bons motivos. Políticas públicas são mais eficazes quando formuladas de modo abrangente, levando em conta urgências e demandas nacionais ou regionais — o oposto da lógica paroquial das emendas parlamentares. Evitar a pulverização tem a vantagem de aumentar a transparência e reduzir brechas para desvios e corrupção.

Tanto a ciência política como a comparação internacional demonstram que emendas parlamentares não são o instrumento adequado para melhorar os serviços prestados à população. Parlamentares brasileiros alegam conhecer as demandas do eleitorado. Mas não há evidência de que anabolizar o poder do Congresso sobre o Orçamento tenha obtido bons resultados. Não há notícia de país que tenha seguido os passos do Brasil nesse quesito.

Por tudo isso, seria mais lógico o Parlamento brasileiro cair em si e entender seu papel na dinâmica orçamentária. Fez bem o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao vetar R$ 5,6 bilhões que seriam destinados a emendas de comissão. Em vez de tentar enfrentar o Executivo ou derrubar o veto para que congressistas controlem fatia ainda maior dos recursos, Lira deveria dar ênfase ao papel essencial que tem desempenhado para o êxito da agenda econômica, em parceria produtiva com o Executivo. Ele foi um dos protagonistas da reforma tributária e de outros avanços legislativos. Além de contribuir para o sucesso da economia, também aumentou seu capital político.

Mas essa é uma obra inacabada. Lira tem mais um ano no cargo e precisa dedicá-lo com afinco ao que falta: regulamentação da reforma tributária, reforma administrativa e medidas essenciais ao futuro do Brasil. Seria um erro político usar seu cacife para arrancar mais concessões num Orçamento cujos recursos os congressistas já controlam mais que em qualquer outro país.

Acordo para produzir no Brasil vacina japonesa reforçaria combate à dengue

A exemplo do que ocorreu na pandemia, fabricação nacional pode aliviar escassez em momento crítico

Mesmo antes do período de maior incidência da dengue, entre março e maio, o Brasil já enfrenta explosão nos casos. De acordo com o Ministério da Saúde, nas primeiras quatro semanas do ano os infectados mais que triplicaram em relação ao mesmo período do ano passado, passando de 215 mil. Os estados de Minas Gerais, Goiás e Acre, além do Distrito Federal e da cidade do Rio de Janeiro, decretaram situação de emergência.

O Ministério da Saúde começa neste mês a aplicar a vacina Qdenga, da farmacêutica japonesa Takeda, mas a capacidade de produção do laboratório é limitada. Para todo o ano, está prevista a entrega de 6,5 milhões de doses. Como cada vacinado precisa de duas, em torno de 3,2 milhões de pessoas poderão ser imunizadas.

Para contornar a escassez, o governo decidiu que a vacina será destinada prioritariamente a adolescentes de 10 a 14 anos, apenas em regiões onde há maior incidência da doença. Dos 5.570 municípios brasileiros, pouco mais de 500 receberão as doses. Com o intuito de aumentar a oferta para o SUS, a Takeda anunciou que não venderá mais a vacina a clínicas particulares ou municípios.

O Instituto Butantan, em parceria com o Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas dos Estados Unidos, desenvolve uma vacina contra a dengue que se mostra promissora, como está ilustrado. De acordo com estudo publicado na semana passada na revista científica New England Journal of Medicine, ela apresenta eficácia de 79,6% na prevenção da doença (semelhante à da Qdenga, de 80,2%). Como a vacina japonesa, protege contra os quatro tipos de dengue, com uma vantagem: é aplicada em dose única. Mas só estará disponível para aplicação no ano que vem.

Diante do quadro que se agrava a cada dia e da impossibilidade de promover uma vacinação maciça, é importante que o governo federal firme acordo com o fabricante para produzir também a Qdenga no Brasil, a exemplo do que foi feito durante a pandemia. Na época, o Butantan produziu a Coronavac e a Fiocruz a AstraZeneca. Ambas foram fundamentais no controle da epidemia. A própria ministra da Saúde, Nísia Trindade, aventou essa possibilidade e prometeu trabalhar para colocá-la em prática.

O combate ao mosquito transmissor não pode ser esquecido e precisa ser reforçado. Segundo o Ministério da Saúde, 75% dos focos estão dentro de residências. Mas o Brasil necessita de soluções urgentes. O aumento nas internações já pressiona as redes de saúde, e os mortos confirmados já chegaram a 15 (149 estão sob investigação). A vacina é uma aliada importante na prevenção de casos graves e mortes. A quantidade oferecida pela Takeda não atende às necessidades. Os resultados da vacina do Butantan são auspiciosos, mas ela ainda não pode ser usada. Por isso uma alternativa é produzir a Qdenga no Brasil. A pandemia de Covid-19 mostrou que é um caminho viável.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
carlos@oglobo.com.br

VERA MAGALHÃES

blogs.oglobo.globo.com/vera-magalhaes
vera.magalhaes@oglobo.com.br

Política do café com leite

Que Lula já está com os dois pés na canoa da eleição municipal, é perceptível. Mas quanto o presidente enxerga a disputa de outubro próximo como vital para sua própria reeleição é algo que sua agenda desta semana ajuda a dimensionar melhor.

O petista traçou um diagnóstico, que partilhou com aliados caciques de outras legendas, segundo o qual, para ter tranquilidade na busca pelo quarto mandato, precisa se fortalecer em São Paulo, Rio e Minas Gerais. Ele já vinha dedicando esforço pessoal à montagem do palanque de Guilherme Boulos na capital paulista e, com as viagens desta semana, trata de fortalecer os outros dois vértices do triângulo.

No Rio, primeira perna da caravana da semana, Lula se fez acompanhar de vários ministros e de políticos de vários partidos, inclusive aqueles com passado ou presente mais próximo ao bolsonarismo. Estava lá o governador Cláudio Castro, numa repetição da aparição de Lula ao lado de Tarcísio de Freitas na semana passada.

Na verdade, Castro é hoje uma ovelha mais próxima a desgarrar do rebanho bolsonarista que Tarcísio. Aliados do governador fluminense não descartam nem um desenho em que ele dispute uma cadeira ao Senado numa chapa que apoie Lula e tenha Eduardo Paes como candidato à sucessão do governo.

Para a reeleição de Paes, Lula pode convencer o PT a abrir mão de pleitear a vice. Assim, com uma chapa puro-sangue, o prefeito se sentiria mais à vontade para deixar o mandato e tentar, de novo, o Guanabara.

O presidente articula com o PSD a estratégia municipal tanto do Rio quanto de Belo Horizonte, num pacote fechado. O partido comandado por Gilberto Kassab governa as duas capitais e terá apoio do PT na disputa por mantê-las — no caso mineiro, resta apenas combinar se a melhor estratégia é uma aliança já no primeiro turno ou no segundo em torno de Fuad Noman.

Lula procura se fortalecer em São Paulo, Rio e Minas para ter tranquilidade na busca pelo quarto mandato

A trupe que vai com o presidente a Belo Horizonte para uma série de entregas na quinta-feira também será "pesada". Lula tem dito que precisa melhorar sua aprovação no segundo maior colégio eleitoral do país para chegar forte a 2026. Ele esteve na noite de segunda-feira com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, que estará na comitiva mineira e é cotado para ser o candidato lulista ao governo do estado daqui a dois anos.

Nem por isso Lula deixou de convidar o governador Romeu Zema, aquele que — da trinca "conservadora" de governadores dos estados do Sudeste — é o que mais tem feito movimentos para a disputa presidencial e mais tem se esforçado para atingir o diapasão do discurso bolsonarista, com direito ao pacote completo, que vai da estigmatização da discussão de gênero à negação da vacina. Não se sabe se o representante do Partido Novo atenderá ao convite, como Tarcísio e Castro, ou apostará ainda mais na postura de distanciamento do governo federal.

Trata-se de uma aposta de risco. A lista de obras e programas federais que Lula pretende lançar em BH é pesada, e a estratégia de "chegar chegando" inclui até a proposital omissão de alguns anúncios, para causar mais impacto.

Lula montou no detalhe as agendas desta semana. Mobilizou ministros e o vice, Geraldo Alckmin, para "cobrirem" sua ausência na turnê que alavancará o Minha Casa, Minha Vida. O empenho foi tamanho que o presidente dedicou pouco tempo e nenhuma preocupação com o recado de Arthur Lira na segunda-feira. Sua ordem foi que ninguém vestisse a carapaça ou aumentasse a crise e, quando voltar do *road show*, ele pessoalmente pretende se reunir com o presidente da Câmara para tranquilizá-lo dizendo que o governo não tem interesse algum em criar marola na sua sucessão.

Toda essa costura mostra que 2026 já é uma folhinha na parede de Lula, aberta concomitantemente à deste ano de eleição municipal, e os movimentos pelo mapa do país serão feitos agora para colher lá na frente.

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://gle.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.

DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Alves, André Visser da Fôncia Barbosa, Luiza Bapteista e Paulo Celso Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz

Rua Marquês do Pombal, 25 - Coradi Prime - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 - Tel: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leila Suwiis - leila.suwiis@oglobo.com.br
Saúde: Ariana Cha Lopes - ariana.cha.lopes@ogl oglobo.com.br
Segunda Capa: Marcelo Dantas - dantas@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Audiência: Caroline Goulart - cgoulart@oglobo.com.br
Acervo e Pesquisa: William Fidal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Dantas - dantas@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
E.a Mais a Casa: - mcarvalho@oglobo.com.br
Bairros: Valter Calmon Filho - valter.calmon@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Renato Andrade - renato.andrade@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades)
0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito ou débito automático em conta-corrente (preço de seguinte ao mês vigente)
para RJ, MG, SP e ES: R$ 169,90
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 6,00
Demais regiões: R$ 7,00 (R$ 10,00)
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobranças de multa ou renovação de assinatura. Desconfie de qualquer contato a respeito desses temas. Para ser O GLOBO sem sair da porta de casa, acesse para venda avulsa@oglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral: (21) 2534-5000 Classifone: (21) 2534-4333
Assinaturas: 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de notícias: (21) 2534-5101 Banco de imagens: (21) 2534-5777
Pesquisa: (21) 2534-5201

PUBLICIDADE Notícias: (21) 2534-4300 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4350
Missas, religiosos e Kinders: (21) 2534-4313
Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5150

FSC
Leia mais e fale grátis
Carbon Free